

## O tradicional e o moderno: convenções sociais burguesas em *Contos novos*, de Mário de Andrade

BRUNA PEREIRA CAIXETA

**Resumo:** O trabalho pretende analisar, sob a definição de subjetividade burguesa feita por Luciano Costa Santos (2005), as relações burguesas ainda presas às convenções sociais, bem como os obstáculos, descritos por Mário de Andrade em suas narrativas de *Contos Novos* (1947), para a realização do seu projeto de (re)construção da nacionalidade brasileira, entendido como resultado da integração das tradições populares, com as inovações vivenciadas pela elite intelectual.

**Palavras-chave:** Modernismo Brasileiro – Mário de Andrade - tradição e modernidade – subjetivismo burguês

### *Considerações Iniciais*

A sociedade brasileira do início da década de XX vive uma mistura de tradição com vanguarda. Os setores econômicos e políticos do Brasil tentam, ao mesmo tempo, adequar-se à vida industrial trazida pela Era Vargas (1930-1945), e deixar o duradouro regime “café com leite” da República Velha (1893-1930). Tendo em vista que alterações nas esferas políticas e econômicas afetam o social e, ainda, que a produção artística, muitas vezes, retrata uma época, foi verificada nas primeiras manifestações literárias do século XX essa transição por que passava o país. Assim, com a Semana de 22, marco da ruptura com as amarras do século XIX, os artistas buscaram o que para eles era uma nova concepção de arte e vida: a definição e (re)construção da nacionalidade brasileira.

Escritores como Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia e Mário de Andrade envolveram-se diretamente nesse projeto de (re)construção de uma identidade nacional. A diferença vista entre eles esteve no entendimento do que compreenderia o conceito de nacionalidade brasileira e/ ou de civilização. Esse entendimento foi também o que mais diferenciou Mário de Andrade dos demais, pois seu projeto de brasilidade, além de defender o uso da linguagem popular na literatura, como fez Oswald, ou de ministrar palestras exaltando o fim dos modelos passados de arte, então cópias europeias, como fez Menotti, buscou unir o popular com o erudito, as tradições com a modernidade.

Mário de Andrade (1893-1945), tendo nascido e vivido no centro de São Paulo, sempre esteve atento às mudanças pelas quais passava seu país, desde a ocupação de emigrantes compondo a sua vizinhança até as decisões culturais importantes na época. Mário sempre esteve às voltas com cargos importantes na vida pública, como foi o caso da direção do Departamento de Cultura de São Paulo, de 1935-37, e da direção do Ins-

tituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, e tais cargos públicos, como relata Jardim (2005), muito estiveram ligados à importância que ele dava à sua posição de intelectual no início do século e na influência que poderiam ter na implantação do seu projeto modernista. Após o golpe de 1937, Mário deixa o cargo de diretor do Departamento de Cultura e muda-se para o Rio de Janeiro, uma das perdas maiores sentidas por ele, conforme Jardim (2005). A sua estada no Rio é relevante porque é um momento de “liberação dos constrangimentos de um cotidiano muito regrado e do que o poeta chamou de sua ‘assombrosa e quase absurda’ sensualidade” (JARDIM, 2005, p. 19), e também porque se trata de uma fase de arremate de textos, como os contos do livro *Contos Novos* (1947), que muito trazem essa densidade psicológica por que passou Mário no Rio. O escritor paulista deixou muita contribuição literária: poesia, contos, cartas, ensaios, artigos em revistas como *Klaxon*, *Estética*, entre outras importantes na divulgação das ideias modernistas, e ainda estudos sobre música e artes plásticas. Pode-se notar, então, da figura de Mário, um intelectual preocupado com as direções que tomariam o país após esse período de transição e afirmação nacional. Mas é importante salientar que sua preocupação por afirmação nacional não provoca uma literatura engajada, como foi o caso do seu contemporâneo Oswald de Andrade, por exemplo, na peça *O Rei da Vela* (1933) – sem desmerecer sua produção literária por esta escolha.

Os obstáculos para a realização do projeto de união ou enxerto, usando a expressão de Santos (2005), das afastadas e diferentes culturas (popular/tradicional e erudita/moderno), podem ser vistos e entendidos a partir da análise das relações entre classes comuns na sociedade brasileira em fins do século XIX e início do XX, que mantêm relacionamentos antiquados para uma nova orientação que a vida nacional esperava obter. Sem ser engajado, como dito anteriormente, Mário mostra as contradições da vida brasileira, apontando, por meio dessas relações tradicionais sem sentido, o que mais as afasta, e assim, mais dificulta a realização do enxerto tradicional ao moderno. A distância que as classes mantêm é o maior obstáculo para a realização de seu projeto e de um progresso social e cultural.

Por esta observação marioandradiana, o presente trabalho busca analisar como aquilo que Luciano Santos (2005) chamou de *subjetividade burguesa* impede a melhoria das relações entre classes e, conseqüentemente, o desenvolvimento do projeto de (re)criação de uma civilização burguesa proposto por Mário. Destacar-se-ão dois tipos de subjetividade burguesa para demonstrar os objetivos do estudo: 1) a ideia de superioridade de classes; e 2) as convenções burguesas, exemplificadas pela família e pela religião. Para tal, os contos do livro *Contos Novos* (1947) serão pontos de partida, sobretudo quatro deles: “Vestida de preto”, “O poço”, “Frederico Paciência” e “Tempo da camisolinha”. Mas, antes, fica a explicação sobre o termo “subjetividade burguesa”, determinante para este trabalho.

### **1. A subjetividade burguesa como obstáculo para a união do tradicional ao moderno**

Luciano Santos (2005) faz uma análise sobre o que seria, em síntese, o projeto de

Mário de Andrade para uma união entre o tradicional e o moderno, considerando para isso, principalmente, as obras *A Lição do Amigo* e *Ensaio sobre a Música Brasileira*. Segundo Luciano,

esse projeto marioandradiano é inicialmente motivado sobretudo pela busca (em curso no movimento modernista) de uma expressão estética própria, original, chegando-se à nacionalidade como dimensão nuclear dessa pretendida originalidade. Essa pesquisa de uma expressão estética legitimamente nacional acaba implicando a demanda maior, e preliminar, pela diferença da própria nacionalidade em si, diferença esta que, assegurada, garante, uma efetiva participação do Brasil no concerto das nações civilizadas. Nessa busca da diferença nacional Mário esbarra na constatação do caráter primitivo, incivilizado, da nação brasileira, caráter este devido basicamente à atuação desagregadora do projeto colonial, o qual, aqui se impondo, tratou de estabelecer um distanciamento radical entre a elite – sintonizada com projetos e modos cosmopolitanos – e as tradições populares locais, fazendo do Brasil uma nação dividida desde as suas origens. Com a modernidade industrial e o seu correlato ideal de progresso, tal divisão só faz acentuar-se. A isto o nosso autor contrapõe um vasto projeto de integração nacional que, enxertando o fluxo histórico “normal”, isto é, civilizado e moderno, nas tradições, e promovendo a interpenetração entre as elites e o povo, venha garantir a con-solidação do Brasil como civilização própria (SANTOS, 2005, p. 120).

Ao demonstrar que a intenção de Mário era unir a elite, “sintonizada com modos e projetos cosmopolitas” (idem) e as tradições populares locais, deve-se considerar a elite exclusivamente sob o ponto de vista intelectual, visto que a elite, entendida como possuidora de dinheiro ou até mesmo de posição social, não se interessava (pelo menos os comportamentos demonstram isso) em unir-se à classe popular. A negação de unir-se com a classe popular, da aqui chamada elite endinheirada, demonstra ou comprova um comportamento tradicional de uma classe que tinha acesso aos “projetos cosmopolitas” (idem), mas que não tinha um mínimo de interesse por eles. Essa postura é típica da burguesia oligárquica, que não queria reconhecer seu declínio no início da década de XX, com a Crise de 29. E é a mais retratada nos contos de Mário, sobretudo em *Contos Novos*, quando as suas narrativas deixam de ter uma dimensão no plano das experiências linguísticas, preferidas em *Contos de Belazarte* (1934), e assumem uma densidade psicológica maior.

Ainda segundo Luciano Santos (2005), numa visão mais filosófica, como a proposta por ele na leitura dos textos de Mário, essa resistência da burguesia ao reconhecer seu declínio bem como de aceitá-lo, e mais, integrar-se a outra classe, se explica pelo forte sentimento de subjetividade burguesa que ele elucida nestas palavras:

Por isso mesmo nos parece que o projeto de integração social-nacional proposto por Mário traz consigo, junto com e para além do desafio da superação do espaço social delimitado pela classe burguesa, o desafio mais profundo de superação *da própria subjetividade burguesa*, desse modo de ser-sentir-pensar que, fazendo do *ego cogitans* [...] o cen-

tro e a finalidade absolutos de si mesmos, emperra pela raiz a possibilidade de realização de qualquer comunidade em sentido pleno. Em suma, o projeto de integração social presente na obra marioandradiana é também, e no fundo, um projeto de integração existencial-ontológica (SANTOS, 2005, p. 125).

Com o excerto acima, fica nítido que a intenção do projeto de Mário, que parte de uma integração social, seria também um projeto de integração existencial. A integração vista sob estes dois pontos de vista, o social e o ontológico, mais que duas instâncias separadas, deveriam ser complementares, já que, na visão de Luciano Santos (2005), a subjetividade burguesa é que impede a integração social. É necessário que os indivíduos deixem de se auto-avaliar pela concepção burguesa de classe: de se considerar padrões, por exemplo.

Explicado o conceito de subjetivismo burguês e visto que ele é que acentua as distâncias entre os povos, analisam-se as posturas de alguns personagens nos contos.

## **2. A (auto)afirmação da superioridade de classe**

O cotidiano burguês, sobretudo o paulista do início da década de XX, foi uma das temáticas preferidas de Mário de Andrade nos seus contos. Tratando-o de maneira adversa da superficialidade vista no Realismo do século XIX, exemplificada, maiormente, pela presença de personagens-tipo dos romances naturalistas e/ou realistas, Mário expõe as relações do cotidiano burguês, a partir de narrativas de conteúdo denso no que se refere aos efeitos psicológicos decorrentes da repressão vivida pelas vítimas nesse tratamento comum à camada superior e burguesa da época.

No seu conto “O Poço”, no qual há o enredo angustiante e absurdo do comportamento do patrão com seus funcionários, vê-se o extremo que pode atingir a relação entre essas classes, quando o superior entende que pode exigir dos funcionários arriscarem a vida para pegar uma caneta-tinteiro caída num poço em construção, que depois é jogada no lixo, por ser uma das outras tantas que possuía. A certeza de ser patrão vem com o exercício do autoritarismo, o que afasta esse mesmo patrão dos seus operários, no que se refere à superioridade de classe. Joaquim Prestes é o típico burguês avaro e vaidoso que quer seguir a vida dos cidadãos em processo de industrialização, aqui representada pelo desejo de obter pesqueiros, e não se importa com quais esforços se uniram para ele realizar suas vontades. Veja pela descrição:

O fato é que estourara na zona a mania dos fazendeiros ricos adquirirem terrenos na barranca do Mogi para pesqueiros de estimação. Joaquim Prestes fora dos que inventaram a moda, como sempre: homem cioso de suas iniciativas, meio cultivando uma vaidade de família – gente escoteira por aqueles campos altos, desbravadora de terras. [...] Não tivera que construir a riqueza com a mão, dono de fazendas desde o nascer, reconhecido como chefe, novo ainda. Bem rico viajado, meio sem quefazer, desbravava ou-

tras terras. [...] Caprichosíssimo, mais cioso do mando que de justiça, tinha a idolatria da autoridade (ANDRADE, 1997, p. 72).

Joaquim Prestes estava interessado em manter sua fortuna e exercer sua autoridade. Só isso. E a justiça era algo impensável. O interessante é que Mário expõe uma narrativa que permite, em determinados momentos, pensar que seus personagens não têm consciência da dimensão da crueldade que estão cometendo, como é o caso do próprio Prestes ao ter seus excessivos e ilógicos mandos bloqueados por um operário, José: “virou, continuou mais agitado agora, se dirigindo ao forde. Os mais próximos ainda o escutaram murmurar consigo ‘... não sou nenhum desalmado...’” (ANDRADE, 1997, p. 88). Eventualmente a narrativa de Mário chega a provocar a esperança no leitor em considerar o personagem menos bruto. Acontece que a fala final do personagem vem a confirmar seu gosto pela sua posição e seu desinteresse pelos subordinados. “ – Pisaram na minha caneta! brutos...” (idem), o que além de provar a continuação da crueldade de Joaquim, mostra a diferença de retratação de uma classe fora da classificação de personagem-tipo do Realismo do século XIX.

Tal finalização ainda prova que saber-se patrão e, claro, dotado de poder, afasta-o de seus operários em nome do exercício egoísta da subjetividade burguesa. Um de seus contos do livro *Contos de Belazarte* demonstra a aproximação entre as classes de uma maneira que poderia ser julgada como ideal para Mário. No conto “Túmulo, túmulo, túmulo” a relação de um patrão branco com seu funcionário doméstico negro é narrada de forma harmoniosa, afetiva e dependente, mostrando ser possível uma conformidade entre as classes, quando a subjetividade burguesa cede lugar ao nascimento de uma relação afetiva. Como Mário disse em carta a Manuel Bandeira, “é preciso acabar com esse individualismo orgulhoso que faz de nós deuses e não homens” (ANDRADE *apud* SANTOS, 2005, p. 125).

### **3. Instituições sociais burguesas: a família e a religião**

É sabido que a sociedade burguesa instaurou uma série de comportamentos para os indivíduos participarem e serem classificados como burgueses. Esses acordos impostos, além de ditarem as maneiras de agir das pessoas, também as fizeram, limitadamente, pensar tudo sobre o limite das regras sociais, inclusive os sentimentos, como se obrigassem as pessoas a amar os pais e os demais familiares apenas porque são parte de sua família. Dessa forma, todas as vontades e conquistas acabam voltando-se apenas para caprichos advindos de uma moda burguesa, e os sentimentos afetivos que deveriam existir com espontaneidade e sinceridade são anulados por convenções, como as dos pais para com os filhos e vice-versa.

No seu conto “Vestida de preto”, Mário de Andrade demonstra isso quando, sob a perspectiva de um narrador jovem em primeira pessoa, narra as desilusões afetivas de um menino ao se ver atraído pela prima. Dando nela, ingenuamente, seu pri-

meiro beijo, ao brincar de família, é descoberto pela Tia Velha, uma adulta rabugenta que logo os reprime e os retira do quarto.

O fato de Tia Velha os reprimir se dá pela razão de que entre primos nunca poderia nascer um sentimento além do que deveria ser sentido de um primo para uma prima, ou seja, uma paixão entre homem e mulher. Por isso, logo a espontaneidade de amar ou ser amigo é condicionada pelo que a sociedade burguesa entende por relações familiares, o que não leva a outro fim que o da obrigação afetiva entre as pessoas e, conseqüentemente, o da relação gerada numa sociedade de aparências. Em uma das passagens do conto, o narrador, após ter crescido e se afastado de Maria, sua prima, desde a intromissão de Tia Velha na brincadeira da infância, diz:

Gostar, eu continuava gostando muito de Maria, cada vez mais, conscientemente agora. Mas tinha uma quase certeza de que ela não podia gostar de mim, quem gostava de mim!...Minha mãe... Sim, mamãe gostava de mim, mas naquele tempo eu chegava a imaginar que era só por obrigação (ANDRADE, 1997, p. 27).

Quando o narrador afirma que gosta de Maria, agora de forma consciente, ele quer dizer que ele a ama como um homem e não como um primo. Antes ele também a amou dessa forma, mas como criança não tinha essa diferenciação. O que demonstra que o fato de a Tia Velha insistir em separá-los, como faz mais adiante em outro trecho do conto, não atrapalhou o sentimento que ele teve por sua prima Maria; ou melhor, o fato de a sociedade burguesa (Tia Velha) burlar amabilidades entre primos não impede que esse sentimento exista entre eles. Até porque o narrador-personagem só não ficou com Maria porque ela tinha também despertado outro e mais forte tipo de sentimento nele que não o sensual: o sentimento de perfeição, que nos indica ser um amor com interesses exclusivamente sexuais. “Maria despertava em mim os instintos da perfeição” (ANDRADE, 1997, p. 31). Aqui, a não-realização amorosa entre eles se dá por outra razão que não as convenções sociais.

Mesmo que as combinações não tenham bloqueado o amor entre os primos, elas falsificaram o amor de mãe para filho. Na mesma passagem citada acima o narrador afirma “Minha mãe... Sim, mamãe gostava de mim, mas naquele tempo eu chegava a imaginar que era só por obrigação” (ANDRADE, 1997, p. 27). Essa afirmação confirma as relações humanas adulteradas pelo que seria convencional, fator determinante também para afastar as pessoas.

O simples fato de o narrador-personagem “ser bombeado” (idem), ou seja, ter sido reprovado na escola, e por isso mal visto pelos familiares, é uma postura ditada pela família burguesa, assim como o crescimento e a adequação à sociedade burguesa que a própria Maria é obrigada a seguir e nos quais não é bem sucedida: casar e constituir uma família. Por essas e outras situações, Mário rompe com as narrativas bem construídas e finalizadas nos “finais felizes” das produções realistas e românticas em voga no século XIX, assumindo uma postura de escritor modernista. O fim que ele a-

tribui a todos os seus contos do livro *Contos Novos* sempre apresenta essa proposta de romper com o que está bem construído sob as perspectivas burguesas, como o comportamento “perfeito” de rico no seu outro conto “Frederico Paciência”: “A energia dele, a segurança serena, sobretudo aquela como que incapacidade de errar, aquela ausência do erro, não me interessavam suficientemente pra mim. E eu me surpreendia imaginando que se as possuísse, me sentiria diminuído” (ANDRADE, 1997, p. 108).

O próprio narrador está cansado da perfeição, aqui entendida como de um comportamento que atende aos padrões considerados corretos, justos e bem vistos pela sociedade, já que a “perfeição” inibe o espontâneo, como pode ser bem demonstrado pelo trecho:

agora nada mais nos interessava senão o outro tal como era, em nossos encontros a sós: nos amávamos pelo que éramos, tal como éramos, desprendidamente, gratuitamente, sem o instinto imperialista de condicionar o companheiro a ficções de nossa inteira fabricação. [...] o nos afastarmos um do outro em nossa quotidianidade, o que chamei “desagregação”, era mais apenas um jeito da amizade verdadeira (ANDRADE, 1997, p. 109).

O surgimento de uma amizade verdadeira veio quando eles estavam livres da rotina e das convenções para amar o outro. Mário também coloca situações ditas “erradas” e absurdas para motivar a ruptura com os padrões burgueses de agir: a felicidade da criança com a morte do pai (alívio do patriarcalismo), em “Peru de Natal”; o reencontro de dois homens pela morte do pai (“Frederico Paciência”); a angústia de uma criança que tem de agir humanamente em momentos que não quer (“Tempo da camisolinha”), entre outras situações. Tudo isso como parte do projeto e da visão de Mário sobre o que deveria ser perdido ou inserido no tradicionalismo comportamental. As relações familiares e sociais, em geral, deveriam ser repensadas.

Outra instituição responsável e forte, ao se pensar em ditaduras de atitudes e pensamentos, é a religião, conforme os contos de Mário. Segundo Eduardo Jardim (2005), Mário era declaradamente católico, mas tinha alguns tormentos ao seguir seus dogmas:

Sentia que era católico, não apenas por formação, mas porque genuinamente tinha necessidade de referir-se a uma instância superior, todos os dias, por meio da oração. No entanto, permanecia hesitante. Não sentia plenamente sua fé e, de certo modo, esperava que o amigo viesse ao seu auxílio e o chamasse para a religião. Tinha críticas severas ao catolicismo muito sectário do principal crítico do modernismo, como as que expressou a propósito de *Mitos do nosso tempo*, livro publicado em 1943. Considerava-se próximo da posição católica em muitos pontos, sobretudo em seu diagnóstico da era atual, mas, também, afastava-se dela, pois a considerava uma saída abertamente antimundana e dogmática, a ponto de dificultar a aproximação com qualquer outra perspectiva crítica.

[...] Mário de Andrade nunca aderiu, de fato, ao catolicismo, primeiro porque discordava das posições católicas sob muitos aspectos e, sobretudo, por causa de uma insegu- rança muito íntima, que talvez pudesse ser vencida se houvesse um apelo dos amigos crentes (JARDIM, 2005, p. 108-109).

Em muitos dos seus contos, Mário se refere à religião, tomado por um antago- nismo entre o senso de pecado e outro de pureza, quando os personagens estão para agir de determinadas maneiras. Ainda sobre isso, Eduardo Jardim comenta:

Mário de Andrade declarou aos amigos, nos últimos anos, em várias ocasiões, que sua personalidade era conformada pelo antagonismo de duas forças, uma instintiva, que ti- nha a ver com sua enorme sensibilidade, e uma outra, que derivava da consciência mui- to nítida das exigências morais (JARDIM, 2005, p. 117).

Em “Tempo da camisolinha”, o último conto do livro *Contos Novos*, uma criança se vê forçada a respeitar e acreditar que Nossa Senhora do Carmo a protegia, e mais: que a vigiava em suas ações. Longe de aceitar isso, o jovem sente necessidade de insultar a santa e também as ordens da mãe, mostrando suas partes íntimas ao subir a cami- solinha que sua mãe o obrigava a usar. Mais do que esse insulto, a criança passa a a- acreditar que três estrelas, objetos simples e atingíveis, a protegeriam mais que a Santa e até da Santa, caso ela quisesse se revoltar contra suas atitudes. O conto demonstra a ingenuidade infantil diante do conhecimento do que é de fato o universo religioso, mas também não deixa de sinalizar para o sentimento de ignorância que o adulto tem frente a esse assunto. Mário, ao colocar essa ignorância na pessoa de uma criança, ameniza a cobrança que sentia em compreender o mundo religioso, bem como a de todos os adul- tos. É necessário observar, também, que apesar da rejeição da criança diante da Santa, por fim, ela acaba tendo uma aceitação religiosa diante dessa imagem:

Mas por dentro era impossível saber o que havia em mim, era uma luz, uma Nossa Se- nhora, um gosto maltratado, cheio de desilusões claríssimas, em que eu sofria arrepen- dido, vendo inutilizar-se no infinito dos sonhos humanos a minha estrela-do-mar. (ANDRADE, 2005, p. 140-141).

O que demonstra que mesmo tendo tido rebeldia para com a santa, na infância, quando adulto, agora na voz do narrador, ele percebe ainda ser influenciado pelo mis- ticismo religioso. A passagem não deixa de se assemelhar com a postura religiosa de Mário diante dos dogmas católicos.

A religião em seus contos é tratada apenas como represália de uma ação consi- derada por ele mais instintual do que pura. É o que se pode perceber, por exemplo, quando o personagem-narrador fica em dúvida se deitava ou não ao lado da prima dividindo o mesmo travesseiro, no conto “Vestida de Preto”; ou ainda, no seu reconhe-

cido romance *Amar, Verbo Intransitivo* (1927), quando o narrador observa o menino Carlos se masturbando e sendo vigiado pela imagem de um anjo (ANDRADE, 2007, p. 46-47). A retratação não deixa de ser um reflexo da sua concepção antagônica sobre o assunto.

Dessa forma, também a religião tratada nessas condições deveria ser repensada pelo seu projeto, já que não poderia ser apenas uma entidade repressora.

### *Considerações finais*

Tendo em vista a definição de Luciano Santos (2005) sobre o que seria a subjetividade burguesa, bem como o entendimento do que consistia o projeto modernista de Mário de Andrade (ou seja, o da unificação, ou melhor, o da mistura, ou ainda, enxerto, das tradições populares ao moderno), foi possível perceber ainda mais, em seus contos, o que mantém as classes ainda bastante divididas. O fato de alguns comportamentos ainda serem arraigados às tradições impróprias para um projeto de modernidade foi mostrado. Ainda usando a terminologia *subjetividade burguesa* (SANTOS, 2005), o trabalho buscou elencar dois aspectos centrais que faz as relações humanas serem díspares e contraditórias: a autoafirmação de uma classe e a insistência na manutenção de convenções burguesas excessiva e desnecessariamente repressoras.

Por elas, o trabalho tentou mostrar que a espontaneidade nas relações burguesas, tão amarradas em princípios de classe e de comportamentos, seria um caminho para a união entre as relações tradicionais e a modernidade. Ainda analisou os motivos para os comportamentos serem considerados antiquados.

Logo, a busca do reconhecimento do projeto de Mário de Andrade na sua própria obra e o reconhecimento da sua visão sobre a construção de uma civilização brasileira, permitiram verificar que, longe de idealismos teóricos comunistas e socialistas e da promoção de uma espontaneidade que tendesse para a libertinagem, Mário, maduro, ofereceu uma proposta simples para a (re)construção da nacionalidade brasileira: a de um tratamento equilibrado entre noções, de um lado arraigadas ao passado, e de outro, tendentes ao processo de evolução por que passava o pensamento e, consequentemente, o comportamento humano brasileiro no início da década de XX.

Por isso, vê-se que na sua visão de intelectual, à frente dos pensadores e ativistas políticos da sua época, o escritor preocupava-se com o aspecto social de construção de uma cultura, mas não se esquecia da formação humana. Quanto a esta, Mário não desejava que fosse conduzida de maneira alienada pelas decisões grupais ou governamentais, diferentemente dos personagens do seu conto “O ladrão” que, levados pela multidão, corriam sem saber muito bem para quê. Ele queria que os brasileiros resultados do seu projeto fossem capazes de enxergar o que os motivava a agir de maneira tão propensa a afastarem-se um dos outros, mudando assim a cultura vigente e controlada pelas mentes burguesas tradicionais, indispostas a seu projeto de modernidade.

**Bruna Pereira Caixeta** é aluna do 5.º período de Letras do UNIPAM.  
e-mail: brunapereiracaixeta@gmail.com. O trabalho foi orientado pelo Prof. Luís André Nepomuceno (UNIPAM)

### **Referências**

ANDRADE, Mário de. *Amar, Verbo Intransitivo*. São Paulo: Agir, 2007.

\_\_\_\_\_. *Contos de Belazarte*. São Paulo: Agir, 2008.

\_\_\_\_\_. *Contos novos*. São Paulo: Klick Editora/ O Estado de São Paulo, 1997.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

GINZBURG, Jaime. "A crítica da sociedade patriarcal em contos de Mário de Andrade", in *Ciências e Letras*. Porto Alegre, n.34, jul./dez. 2003, pp. 39-45.

JARDIM, Eduardo. *Mário de Andrade: a morte do poeta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. "Subúrbio e modernização: os Contos de Belazarte, de Mário de Andrade", in *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências*. São Paulo, julho de 2008. Disponível em:  
[www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/040/IRENISIA\\_OLIVEIRA](http://www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/040/IRENISIA_OLIVEIRA).

SANTOS, Luciano Costa. *Mário vário: uma introdução ao pensamento de Mário de Andrade*. Juí: Unijuí, 2005.